



Das suas mãos saem obras de arte. Únicas e exclusivas. Como há anos

DANIEL ROCHA



Começou por ser um ofício “desprezado”. Hoje é um luxo ao alcance de poucos. Ainda riscam, cortam, cosem e passam a ferro em oficinas que têm ar de museus. Os alfaiates tradicionais em Lisboa e no Porto contam-se pelos dedos das mãos e estão perto de encostar as tesouras. Mas não têm a quem passar o testemunho, apesar de os clientes não faltarem

Alfaiates André Vieira e Cristiana Faria Moreira

Quando Augusto Saldanha chegou ao Porto, ainda na década de 60, em ruas como Santa Catarina, 31 de Janeiro ou Sá da Bandeira havia uma alfaiataria “porta sim, porta não”. Saiu de Freixo de Espada à Cinta com 14 anos rumo à cidade grande para dar continuidade ao processo de aprendizagem da arte, iniciado dois anos antes, para trabalhar com alguns dos grandes mestres do corte e costura de fatos por medida. Trabalhou e aprendeu com os melhores, até se estabelecer por conta própria em 1976, no prédio com a entrada número 1 da Rua de Trindade Coelho, na passagem que une a Rua das Flores a Mouzinho da Silveira, onde ainda exerce a actividade.

Hoje, aos 66 anos, é um dos poucos artistas que ainda teimam em não fechar a caixa de costura para desistir de uma arte que diz ter espaço para mais concorrência. Há mercado, mas diz faltarem novos profissionais formados de acordo com os princípios básicos da alfaiataria para que esta actividade se renove e não se extinga. No Porto, chegam os dedos de duas mãos para contar os que ainda seguem os processos tradicionais desta actividade que precisa de sangue novo.

Na capital, o cenário é idêntico. É lá que está Joaquim Barbosa. Diz estar cansado, mas nem por isso deixa de chegar todos os dias às 9h ao *atelier* que tem na Avenida do Infante Santo há 53 anos. Trabalha desde os 11 anos num ofício que exige anos de labuta para escalar na hierarquia e chegar à quase perfeição que é exigida de um bom mestre alfaiate.

De ajudante a contramestre

Aos 82 anos, continua a dedicar a vida a tornar os outros mais elegantes. Começou aos 11 anos, no Alentejo, perto de Mora. Acabou a 4.ª classe e começou a aprender a profissão à luz do petróleo. Herdou os ensinamentos do pai, que o pôs, primeiro, a tratar dos ferros que funcionavam a carvão. Porque aqui também se começa por baixo, há uma hierarquia a respeitar. De ajudante, meio-oficial, oficial, ajudante de mestre, mestre, até chegar a contramestre, a mais alta das patentes que os mais de 70 anos de ofício há muito lhe conferiram. Trabalhou em terras alentejanas até ir para a tropa. Depois seguiu para Lisboa e ficou. Trabalhou em várias oficinas, fez um curso de corte na Academia Maguidal, “que ainda hoje existe, mas não tem alunos”.

Montou a própria casa aos 29 anos, no 345 da Infante Santo onde ainda se mantém. Hoje, tem ar de museu, com fotografias nas paredes e pra-

teleiras com os melhores tecidos.

Os clientes foram-lhe aparecendo – “uns mandavam os outros”. Levanta-se e procura nas gavetas as velhas fotografias que lhe recordam as mais de sete décadas de ofício. Mostra uma onde está a atender um cliente israelita com 2,04 metros de altura. “Tive que me pôr em cima de um banco”, diz. É também por isso que muitos recorrem ao alfaiate hoje em dia. Porque têm medidas fora do que o padronizado pronto-a-vestir oferece ou porque podem pagar milhares de euros por uma “obra de arte” que lhes assenta como uma luva.

Nas mãos de Joaquim Barbosa, e da sua equipa, um fato demora cerca de 60 horas a fazer. E o que é que é preciso para entregar um fato de excelência? “Que o cliente goste”, atira.

Já passaram por ali grandes representantes das elites políticas e económicas, nacionais e internacionais.

Não gosta de dizer nomes. Gosta da discrição. Mas há uma família que faz questão de referir: a Pereira Coutinho, que lhe “salvou a casa da falência” a seguir ao 25 de Abril.

Já lhe passaram pelas mãos, pelo menos, três gerações. Hoje, Joaquim Barbosa diz que veste dos 18 aos 95 anos. “Alguns clientes têm a mania de o primeiro fato dos filhos ser feito por mim”, conta.

No Porto, Augusto Saldanha, alfaiate de Paulo Portas e outras figuras “de relevo”, também prefere manter o anonimato dos clientes. Só fala do antigo líder do CDS/PP porque o próprio o tornou público. Divide o espaço do *atelier* onde põe mãos à obra com mais uma costureira com quem trabalha. É uma de duas funcionárias da equipa que colabora com o mestre. Noutros tempos eram cinco.

De fato e gravata, dedal no dedo e fita métrica ao pescoço, passa a ferro parte de uma peça ainda em constru-

NELSON GARRIDO





Joaquim Barbosa, de Lisboa, Augusto Saldanha, do Porto e Manuel Cadete, também da capital, são dos últimos alfaiates que persistem em fazer à mão fatos à medida que, se bem estimados, “duram uma vida”, asseguram

Serviços que vão além da fita métrica

Cristiana Faria Moreira

“Nunca vamos conseguir substituir o alfaiate. Alfaiataria é tudo o que é feito por um alfaiate, que é feito à mão, que é uma obra de arte”, diz Duarte Foro, de 26 anos, um dos fundadores da marca Alphaiate, com Francisco Appleton, de 27, e Sofia Marques da Costa, de 23, que se propõe fazer fatos por medida. Poder-se-ia dizer que são uma espécie de “alfaiataria moderna”, das que sabem tirar as medidas mas deixam a confecção para os *ateliers* industriais.

Conta que a ideia surgiu por “brincadeira” há uns três anos, quando se lembrou de mandar fazer um fato à medida para ir a um casamento. Abriram em Março de 2015, com o foco numa plataforma tecnológica que seria o *core business*, onde o cliente escolheria, a partir de um modelo 3D do fato ou camisa, o tecido, forro, colarinhos e botões. Mas depressa perceberam que este era um negócio em que as pessoas “gostam de ver, de tocar, de falar. Ninguém compra um fato por medida pela Internet”, diz o fundador da Alphaiate.

Chegaram, por isso, a um modelo “semitradicional, meio alfaiate, meio *made to measure*”, que tem como objectivo substituir todas as colas, para passar a ser tudo cosido nas peças que comercializam. “Eu nunca posso dizer que sou concorrente de um alfaiate. São artistas, fazem obras de arte que valem todos os centimos”, defende-se Duarte Foro.

São negócios que surgem ligados à alfaiataria, e ao que se quer cada vez mais feito à imagem de cada um, por quem não tem um passado ligado à arte mas que viu nela o potencial de criar um negócio. Como Paulo Pinho, quando, também há três anos, fundou a UOY (sigla de *Uncover the Original You* – “Descobre o teu eu original”, em português). Num espaço na Embaixada Shopping Gallery, no Príncipe Real, em Lisboa, onde dois *personal tailors* (alfaiates pessoais) aconselham o cliente que

tem nas mãos a construção do próprio fato: tecidos, botões, linhas, forros.

Um negócio que quer aproveitar a “confecção com qualidade” que existe no país e a “existência de um conjunto de pessoas que é obrigada a andar com esta indumentária, de fato e gravata, todo o dia”, diz Miguel Paté, o responsável de marketing.

Trabalham para clientes formais, aos mais “*dandies*”, pais e filhos, de todas as faixas etárias, para noivos que pedem para gravar frases para as noivas ou que pedem fatos cor de laranja. “O que diferencia aqui são os tecidos, entreteias naturais, semi-cosidas”, diz Maria Vaz, de 49 anos, a *personal tailor* de serviço.

Parte do trabalho de alfaiataria é feita em fábrica. A produção é toda feita em Portugal, no Norte do país.

Neste momento, a UOY dedica-se à roupa masculina, mas está em cima da mesa a confecção de vestuário para mulheres.

Ao serviço por medida, estas duas marcas quiseram aliar a consultoria de imagem. Acabam por ajudar o cliente a escolher a gravata ou os sapatos. A ideia é “encaixar no corpo e na mente do cliente”, diz Duarte. Para isso deslocam-se a casa ou ao escritório dos clientes. Têm clientes que trabalham fora do país, clientes que não gostam de perder muito tempo e que por vezes mandam fazer dois e três fatos por vez. Um fato demora cerca de um mês a estar pronto.

Na Alphaiate, há fatos a partir dos 400 euros. Na UOY, começam nos 499 e podem ir aos milhares de euros. Tudo depende do tecido, claro está. “O cliente vem aqui e compra o que puder”, diz Maria Vaz.

A personalização pode ir até à natureza da própria natureza dos tecidos. Por exemplo, fazer um fato *vegan*, sem tecidos que provenham de animais. São negócios que querem aliar a tradição à modernidade, a partir da figura icónica do alfaiate e que estão *online* para oferecer a ideia que qualquer produto está acessível para ser especialmente feito à imagem de cada um.

NELSON GARRIDO



DANIEL ROCHA



ção. Para maior conforto, tira apenas o casaco. É assim que todos as manhãs se apresenta ao serviço até horas incertas da noite, que acaba quando o serviço o permite. Gosta de estar bem vestido porque é lá que também recebe os clientes: maioritariamente “gente nova”. “São eles que trazem os pais. No outro dia, tive aqui três gerações a fazer uma prova: avô, filho e neto”, conta.

É no *atelier* que tudo começa e tudo acaba. É lá que o cliente escolhe o tecido, onde se define o desenho do fato, se tiram as medidas, se faz o corte e se executa a peça. Esta é condição *sine qua non* para definir o que é trabalho de alfaiataria ou não. “O processo começa e acaba aqui. Fazer à medida há muito quem faça, mas depois as peças são enviadas para fábricas. Aqui é trabalho de artesão. É loja e fábrica ao mesmo tempo”, afirma. É assim no Saldanha e em qualquer outro alfaiate tradicional. Se a

peça segue para uma confecção, já a considera outra “coisa qualquer”, menos alfaiataria.

A sala de provas é como um confessional

Tal como o colega de Lisboa e todos os outros alfaiates tradicionais, aprendeu esta arte com os mestres mais antigos. Passou por todas as etapas necessárias até chegar ao topo. “Comecei como aprendiz sem receber dinheiro até chegar a mestre. À medida que se ia subindo de categoria, ia também subindo o ordenado”. Aos 12 anos, ainda em Trás-os-Montes, deu os primeiros passos, sem qualquer tradição familiar na alfaiataria. O mesmo destino escolheu um irmão que ainda hoje também continua com *atelier* aberto na Rua de 31 de Janeiro, no Porto. É na capital do Norte que se fez artista. “Passei por muitos mestres, mas um

dos que mais me marcaram foi o Albino Correia Martins, da Alfaiataria Real”, conta.

Começou por trabalhar para todo o “tipo de clientes”, numa altura em que “não havia alternativa” para quem quisesse comprar um fato. Nas principais ruas comerciais do Porto não faltava concorrência. É depois do 25 de Abril que há uma mudança.

“Muitos colegas foram trabalhar para fábricas”. Procuravam empregos mais estáveis. “Na altura, recebíamos à semana. Nas fábricas já se recebia ao mês e melhor”, lembra. Aparece o pronto-a-vestir e muitas alfaiatarias fecham. Augusto Saldanha optou por continuar. Depois do serviço militar, que cumpriu na especialidade de alfaiate, voltou ao Porto com um propósito definido: estabelecer-se.

Hoje, em Santa Catarina, 31 de Janeiro ou Sá da Bandeira as alfaiatarias deram lugar a outro tipo de ➔

DANIEL ROCHA



DANIEL ROCHA



DANIEL ROCHA





“O processo começa e acaba aqui. Fazer à medida há muito quem faça, mas depois as peças são enviadas para fábricas. Aqui é trabalho de artesanato. É loja e fábrica ao mesmo tempo”

Augusto Saldanha

comércio. Não é por isso que se arrepende da decisão que tomou há mais de 40 anos. “Há cerca de 20 anos que trabalho para um público mais selecionado que procura peças exclusivas”, afirma.

Naturalmente, a carteira de clientes fiéis faz-se através do “passa a palavra”. Não se queixa de falta de trabalho. “Fui-me adaptando aos tempos, mas não tenho uma presença forte na Internet. A verdade é que não preciso de publicidade”, diz. “Também não quero tornar a minha obra corriqueira. Quero manter a exclusividade”, sublinha.

O que mais gosta é de fazer fraques e tem orgulho nos forros que usa nos casacos: “Estão escondidos, mas é o que dá a alegria a um fato”. Depois da obra feita, dá-lhe “um certo gozo” ver as peças serem usadas nalgumas cerimónias públicas.

Antigamente, havia uma cultura, um quase “ritual” de ir ao alfaiate, conta. Por isso, o contacto com o cliente é quase tão importante como a perícia do corte e cose. Iam para serem vistos ou para verem pessoas. Criavam-se amizades, conhecimentos, até negócios na sala de espera do alfaiate.

“Lembro-me de ter uma sala às vezes com dois, três, clientes à espera para provar. Antes até havia clientes que perguntavam quando é que o administrador de tal banco ou o político X ia provar o fato para terem a oportunidade de se encontrarem com eles”, conta Fernando Silva, o gerente da J. Gomes dos Santos.

O recato do gabinete de prova permitia que fosse como “um confessor”, diz João Ribeiro. Até quando os clientes iam provar os fatos com as amantes.

“Não era de bom-tom vestir bem”

Tal como diz Augusto Saldanha, o 25 de Abril foi “um problema” para o negócio, corrobora João Ribeiro, de 68 anos, da Alfaiataria Piccadilly, em Lisboa. “Muitos alfaiates desapareceram nessa altura. Não era de bom-tom vestir bem”, diz o alfaiate que tirava as medidas a Mário Soares enquanto este esteve na Presidência. Os que podiam pagar saíram do país.

Algumas casas trataram de se reinventar e tiveram o “bom senso” de começar a vender pronto-a-vestir. Foi o que aconteceu na alfaiataria onde

trabalhava praticamente desde que foi morar para a capital com 15 anos, depois de ter aprendido o ABC da arte com o tio, aos 11 anos, quando saiu da escola em Avis.

Nessa altura – sozinho em Lisboa –, apeteceu-lhe desistir, mas resistiu. Trabalhou na mesma casa durante 29 anos. Pelo meio, não escapou à guerra. Foi para Angola, regressou à mesma casa até sair para pegar na Loureiro & Nogueira, na Rua de Santa Justa, onde ficou até comprar a histórica Piccadilly há seis anos. O edifício da Rua Garrett foi vendido, mas manteve-se nas oficinas, onde trabalha hoje entre manequins vestidos com casacos, calças, sobretudo à espera que os donos os venham provar.

Com a transferência de muitos alfaiates para fábricas, perdeu-se “uma escola de alfaiataria”. “Nós começamos a aprender tudo. A pessoa da fábrica não sabe fazer nada”, diz Manuel Cadete, de 70 anos, há 45 anos alfaiate da J. Gomes dos Santos, casa

que se instalou em Lisboa, em 1926, na Praça dos Restauradores e que já vestiu o anterior rei de Espanha, Juan Carlos, o príncipe Rainier do Mónaco, primeiros-ministros e Presidentes dos PALOP e do Brasil. António de Oliveira Salazar também foi cliente.

Há dois anos, mudou-se para a Rua do Conde do Redondo por causa do aumento das rendas. Menos visível, a casa voltou a dedicar-se quase em exclusivo à alfaiataria, depois de no pós-25 de Abril ter apostado no pronto-a-vestir para sobreviver.

Não há bons alfaiates sem boas costureiras

Já costuraram para mulheres, mas preferem as medidas do homem, já que as senhoras têm “medidas diferentes” que obrigam a mais cortes. Além disso, é preciso ter cuidado onde se toca, diz Joaquim Barbosa. “E são as mulheres e as filhas dos meus clientes e eu tenho muito respeito”.

Mal tinha aberto casa ali na Infan-

te Santo, teve o desafio de vestir as enfermeiras da Cruz Vermelha por ocasião do centenário da instituição. “Um *tailleur* com uma saia cinzenta, com um macho atrás. Foi uma barafunda. Trabalhámos aqui dia e noite”, recorda o alfaiate.

Longe do fulgor de outros tempos, ainda atende alguns clientes mais antigos. Na oficina de Joaquim Barbosa chegaram a trabalhar 28 pessoas. Hoje, trabalha o alfaiate e mais duas costureiras, uma que o acompanha há 53 anos. “Tem umas mãos!...”, exclama. Antigamente “era tudo feito à mão, só com uma máquina de coser a direito, com ferros a carvão”. Hoje há máquinas para ajudar, mas o processo continua manual. Afinal, não há bons alfaiates sem boas costureiras. A falta delas é que é mesmo “o grande mal”, aponta João Ribeiro. Consegue tem a trabalhar três costureiras especializadas. Duas estão reformadas – algo comum noutras alfaiatarias – e trabalham o dia inteiro sentadas num banco e curvadas a

pontear. “Vai mesmo acabar. E nem lhe dou dez anos”, vaticina.

Falta formação adequada

Antigamente, era vergonha ser-se alfaiate. Era um trabalho mal pago e malvisto. “Dizia-se na minha terra que sapateiros e alfaiates eram a última carta do baralho”, diz Joaquim Barbosa. João Ribeiro recorda que se dizia que ia para alfaiate quem era coxo. Ri-se. Não é o seu caso, mas reconhece que era uma profissão “desprezada”. Hoje é um luxo, porque é também cada vez mais rara.

Para Vítor Gonçalves, alfaiate há 48 anos, há lacunas para corrigir no âmbito da formação. Terceira geração de uma família de alfaiates, considera fundamental formar novos profissionais. “Da mesma forma que existe formação para carpinteiros, por que motivo não existe também para alfaiates?”, questiona. “Estão à espera que os antigos morram?...”

Com 59 anos, começou a dar os



Vítor Gonçalves lamenta que não haja novas gerações na arte. Mas há exceções, como Ayres Gonçalves (ao lado), que seguiu os passos do avô

NELSON GARRIDO



“Não posso aceitar mais trabalho porque não tenho como dar resposta a novos pedidos. Há escassez de alfaiates e de costureiras. Das escolas não chegam preparados”

Vítor Gonçalves

primeiros passos com dez, 11 anos. Era um “menino rebelde” que foi sendo puxado pelo pai para o *atelier* que existia ao lado do sítio onde tem o que actualmente mantém aberto, no 36 da Rua das Galerias de Paris, no Porto. Na mesma rua existiam quatro. Hoje só lá está o de Vítor Gonçalves, que, apesar de filho de alfaiate, foi com outros mestres da mesma geração do pai que foi apri-morando a arte. Já teve alguns estagiários no *atelier*, que acabam por condicionar o rendimento, por não terem a formação adequada. Contudo, há quem tenha mostrado algum potencial, diz.

Face às mudanças de paradigma na entrada para esta actividade que tinha os primeiros aprendizes a darem os primeiros passos nos *ateliers* numa idade muito jovem, seria responsabilidade dos centros de formação da especialidade substituir o trabalho anteriormente feito pelos mestres mais antigos. Contudo, a “pouca” oferta que existe

não responde às necessidades do mercado. “Não posso aceitar mais trabalho porque não tenho como dar resposta a novos pedidos. Há escassez de alfaiates e de costureiras. Das escolas não chegam preparados”, afirma. Considera que no mercado há mais espaço para novos alfaiates que sigam os métodos tradicionais.

João Ribeiro tem um aprendiz que é engenheiro de Ambiente, com “trinta e tal anos” que lá aparece aos sábados. “Tem algum jeito, mas isto é difícil de aprender”. O ideal, aponta, é começar aos 16, 17 anos para ter tempo de se tornar num bom profissional.

Não é que não existam profissionais mais recentes que façam fatos por medida, mas “são executados a partir de um molde com recurso a maquinaria avançada”. Tradicionalmente, o processo tem que ser artesanal: “Não há um corpo igual ao outro. As fábricas nunca vão conseguir resolver a questão das proporções”. Actualmente, na cidade, diz não existem mais do



DANIEL ROCHA



DANIEL ROCHA

que uma dezena de profissionais que obedeçam a essas regras.

O mesmo acontece em Lisboa. De cabeça, lembra-se de Augusto Saldanha e do irmão António Saldanha, Carlos Sousa que trabalha na Boavista, António Fonseca, na Rua de São Brás, e mais recentemente, de Ayres Gonçalves, neto de Ayres Carneiro da Silva, a “sumidade” por trás da extinta Ayres Alta Costura, na Rua de Gonçalves Cristóvão. Há ainda o Atelier des Créateurs, na Rua de José Falcão.

Na **Modatex** – Centro de Formação Profissional da Indústria Têxtil, Vestuário, Confecção e Lanifícios, com sede no Porto e com delegações por todo o país, há um curso específico de Alfaiataria. A formação mais recente realizada no Porto, de acordo com dados do centro, foi concluída por 35 formandos. A taxa de inserção profissional é de 60% à saída da formação. Em Lisboa, neste momento, decorre uma formação modular composta por 30 formandos. “A pedido de empresas”, estão ainda a ser realizadas formações em alfaiataria nas próprias instalações de várias companhias, frequentadas em horário laboral por 25 formandos.

Sónia Pinto, directora da **Modatex**, diz que a formação é mais orientada para uma componente industrial. No entanto, quem frequentar os cursos sairá com bases de alfaiataria tradicional. Num mercado que diz ter potencial, apesar de uma procura ainda escassa de novos alunos, entende ser necessária a adaptação às exigências dos tempos que correm. Sendo que os empregadores passam sobretudo pelo sector industrial, é esse o foco dado pelo centro.

Para Vítor Gonçalves, não chega.

De avô para neto

Da nova geração de alfaiates tradicionais portugueses faz parte Ayres

Gonçalo, com 36 anos de idade. É neto de Ayres Carneiro da Silva, da antiga Ayres Alta Costura, que aos 88 anos já não exerce a profissão. Foi com o avô que aprendeu a apaixonar-se pela arte da alfaiataria tradicional. “Era para lá que ia quando saía do infantário”, recorda. Foi nessa altura que começou a criar uma relação com “os trapeiros”.

Desde cedo acompanhava o avô nas provas e nas visitas aos clientes. Começou a ajudá-lo depois das aulas e aos fins-de-semana, altura que Ayres da Silva escolhia para fazer os cortes, quando havia mais “paz e silêncio”. “Não podia sequer falar com ele porque é uma fase que exige muita concentração”, conta.

Aprendeu “à moda antiga” com o avô. Ainda “pequeno”, já fazia alguns cortes e cosia. Aos 18 anos, completamente decidido relativamente ao caminho que iria seguir, decide “fugir” de um “ambiente protegido” para deixar de ser “o neto do patrão” e viaja para conhecer a alfaiataria internacional e para se especializar.

Em Portugal não havia cursos, “à excepção de um em Lisboa que estava a terminar”. E por isso segue para Espanha para aprender com Pedro Muñoz, “o maior alfaiate de Madrid”. Acabado o curso, com 23 anos, tem a oportunidade para se mudar para Londres para trabalhar em Savile Row, a “meca dos alfaiates”. “Durante meses andei a sonhar. Não queria acreditar que estava ali a trabalhar”, diz. Lá, chegou a fazer um fato para o príncipe Carlos.

Passa ainda por Nova Iorque e regressa ao Porto em 2011 por uma questão afectiva e por “num mercado global e cada vez mais próximo” ser possível trabalhar para o mundo inteiro a partir de “qualquer lado”. É nesse ano que abre o *atelier* no 22

da Praça de Dona Filipa de Lencastre. Tem outro em Lisboa.

Regressa numa altura em que a alfaiataria está em “declínio”, para em anos seguintes assistir a um período de ressurgimento, mas de uma “alfaiataria industrial”. Diz que no Porto, e mesmo em Portugal inteiro, é dos poucos da nova geração de alfaiates a trabalhar de acordo com o método tradicional. E repete o que todos dizem: há espaço para mais profissionais. “Há clientela, mas não há oferta. Este é um emprego com taxa de desemprego zero”, sublinha.

O alfaiate mais antigo do Porto

Ayres da Silva será o mais antigo alfaiate vivo do Porto. Já há muito que se reformou. No dia em que fomos conhecer o *atelier* do neto, também lá estava. Passou por lá para ajudar o neto a “resolver um problema” com o fato de um cliente. Aos 88 anos, recorda-nos os tempos áureos da alfaiataria portuguesa. “Os homens agora não se sabem vestir”, assegura. Pelo menos a maior parte.

Conta que muitas personalidades conhecidas foram vestidas por ele. Recorda José Maria Pedreiro, antigo treinador do Futebol Clube do Porto, e diz ter feito o “último fato de Salazar”. No balcão está uma tesoura que pertence a um conjunto que comprou a um alfaiate mais antigo. “Esta tesoura já cortou tecidos para fazer fatos para o Rei D. Carlos”.

E preços? Alfaiate que se preza não os revela. Na Piccadilly e na J. Gomes dos Santos um fato custa, no mínimo, 1500 euros, mas pode ir aos milhares. Mas são fatos que, se bem estimados, duram uma vida, diz o alfaiate João Ribeiro.

cristiana.moreira@publico.pt



NELSON GARRIDO



DANIEL ROCHA



NELSON GARRIDO

Público

Rússia
As feridas abertas na cidade de Estaline
Reportagem de Manuel Carvalho em Volgogrado nos 100 anos da Revolução de Outubro. p24/25



Reportagem
Os velhos alfaiates de Lisboa e Porto não têm a quem passar a tesoura

Local, 14 a 17

Presidentes
As melhores histórias dos inquilinos de Belém cabem em 255 páginas

Política, 8/9

Empresa de “vice” do IEFP ganhou milhares em contratos com Estado

Ministério Público investiga contratos entre a Agência para a Qualificação e a Quaternaire, de que Paulo Feliciano é coordenador. Ao longo dos anos foi entrando e saindo de vários organismos públicos **Sociedade, 10 a 12**



Web Summit
O grande carrossel das startups volta hoje a andar à roda
p2 a 4

Papéis do Paraíso
mostram a riqueza escondida da elite global

Nova investigação a *offshores* expõe políticos, celebridades e até a Rainha de Inglaterra. Secretário do Comércio de Trump tem ligações a aliados de Putin **p18/19 e Editorial**



Puigdemont entrega-se e é candidato às eleições catalãs

Líder destituído por Madrid entregou-se à justiça belga no dia em que o seu partido o designou candidato **p20/21**



Governo escolhe general do Exército para a Protecção Civil

Mourato Nunes é o novo presidente da ANPC. Comandou a GNR quando Costa estava no MAI **p6**

Atirador mata pelo menos 27 pessoas em igreja no Texas

Homem abriu fogo numa igreja baptista e foi abatido pela polícia. Autoridades procuram motivações **p23**

Sporting empata, Benfica vence e FC Porto foge na frente da Liga

“Leões” empatam (2-2) com Sp. Braga num final de loucos em Alvalade. Benfica impôs-se (3-1) em Guimarães **p38/39**